**A ESCOLA NA PERSPECTIVA CULTURAL E COMO UM LUGAR: OLHARES PARA AS DESIGUALDADES NO PROCESSO FORMATIVO E OS DIVERSOS PAPÉIS DO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UM CIEP NA BAIXADA FLUMINENSE**

Eliara Gomes de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo tensionar questões históricas e geográficas que exemplificam a desigualdade nos processos formativos educacionais, a partir da experiência do Estágio Supervisionado em Geografia na rede municipal de Duque de Caxias/Rio de Janeiro, através do olhar de uma graduanda da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Apoia-se nas contribuições teóricas de Dayrrel e Carrano (2014) para defender que a escola e os atores que a compõem expressam as problemáticas da sociedade, e neste sentido, faz-se indispensável a leitura dos acontecimentos externos à instituição estudantil para melhor compreender os impasses que a assombram. Nesta reflexão espera-se contribuir na visibilidade de luta das escolas na Baixada Fluminense por um ambiente mais justo, acolhedor e democrático, com novas tessituras que rompem as amarras do colonialismo presentes histórica e geograficamente.

Palavras Chaves: Estágio supervisionado; Processos formativos; Desigualdade social; Espaço escolar.

Introdução

O mundo contemporâneo se forja em uma história marcada pelo colonialismo, impondo domínio e valores culturais eurocêntricos às demais raças, etnias, crenças, civilizações, sob o pressuposto que as demais se colocavam em situação de atraso. De forma a serem classificadas primitivas em relação aos povos que julgavam ser desenvolvidos.

A concepção de educação na perspectiva da escola, sob a influência dos valores civilizacionais ocidentais-judaico-cristãos, é profundamente enraizada em princípios que moldaram a sociedade e a pedagogia. Essa tradição, permeada pela visão do ser humano como criatura dotada de livre arbítrio e responsabilidade moral. (ROUSSEAU, 1992).

Dentre diversas modificações no corpo social, o contexto educacional perpassa pelas armadilhas de influência civilizatória que impõe o viés colonial estabelecido nas estruturas que regem o sistema vigente. Segundo Teixeira e Henriques (2022), a ascensão de práticas neoliberais, o avanço da extrema direita, as representações de conservadorismo moral, étnico e religioso causam reflexos no campo educacional e na capacidade dos indivíduos se organizarem, logo, na distribuição do acesso a serviços básicos.

Essas demandas se apresentam com a defesa de uma falsa moralidade, na perda do que se entende como Estado de Bem Estar Social (TEIXEIRA E HENRIQUES, 2022, P.3), ameaças à educação pública que promovem indivíduos com formação duvidosa, aumento da intolerância no meio, acréscimo nos casos de feminicídio e torturta. Verifica-se um cenário mais confortável para crimes de ódio. As vitímas desse processo mais uma vez tem cor específica, habitação distante das áreas centrais, gênero oposto ao cis e religião que não segue a matriz europeia.

Vale ressaltar as inúmeras tentativas de projetos de lei que respaldam essas atrocidades e corroboram com disparidades sociais. Neste contexto, a criminalização do ofício do docente se compõem por diversos fatores como a vigilância permanente cerceando a liberdade de cátedra, desdobrando-se em intimidação de pais, alunos, a pressão de órgãos públicos, incorrendo em inseguranças que marcam negativamente o processo de aprendizagem. Uma marca importante de desigualdade é o aprofundamento da desigualdade entre escolas públicas e privadas, que em sua maioria é frequentada pela parcela populacional com maior poder aquisitivo.

É fundamental considerar a relação entre as escolas e as universidades, nesses difíceis tempos. Essa parceria deveria ser fortalecida para garantir que a formação inicial e continuada dos professores esteja alinhada às demandas e realidades do ambiente escolar. As universidades desempenham um papel vital na formulação da identidade profissional dos futuros educadores, proporcionando-lhes as ferramentas teóricas e práticas necessárias para enfrentar os desafios do cotidiano escolar. (BONOMO, 2022).

Ainda de acordo com Bonomo (2022), outro ponto de destaque é a importância da espacialidade na vivência educativa e na profissionalidade dos professores, especialmente os de Geografia. O espaço não só, mas também o físico, onde ocorre o processo educativo não é apenas um pano de fundo, mas um elemento ativo que influencia a dinâmica das aulas, o engajamento dos alunos e o próprio bem-estar dos professores.

Espaços não hostis, bem planejados e adequados podem fomentar um ambiente de aprendizado mais significativo, enquanto espaços inadequados podem dificultar o processo educativo e impactar negativamente a profissionalidade dos docentes. Portanto, é importante repensar e valorizar a espacialidade no contexto educacional, reconhecendo seu papel central na formação e na prática dos professores.

Segundo Bomeny (2001), os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) foram uma iniciativa de Darcy Ribeiro, com o objetivo de transformar a educação brasileira e “civilizar” as classes populares, contrastando com as diferenças entre a modernidade europeia e a brasileira. Ribeiro enxergava os CIEPs como espaços que integravam educação, saúde e cultura, suprindo carências históricas dessas comunidades. Inspirado pelos pioneiros da educação dos anos 1930, ele defendia a universalização da educação e saúde de qualidade. Os CIEPs não eram apenas escolas, mas centros de desenvolvimento comunitário destinados a romper o ciclo de pobreza e exclusão social, oferecendo às crianças uma chance de mobilidade social e vida digna.

A experiência em estágio a ser narrada para alimentar o debate na apresentação no XII Seminário Internacional – As redes educativas e as tecnologias, se manifesta no CIEP 218 Ministro Hermes Lima Brasil-Turquia, em Jardim Gramacho/Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro. A escola recebeu no ano de 2016 novas instâncias com o programa Escolas Culturais, implementado pela Secretaria de Educação. Deste modo, o CIEP passou a funcionar como uma escola integral cultural exclusivamente para o Ensino Médio, oferecendo um currículo enriquecido no turno integral.

Desenvolvimento

Através da experiência de Estágio Supervisionado da graduanda de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, no CIEP Brasil-Turquia, constatou-se que para além da ampla estrutura física, também existe uma vasta extensão de afetos e situações que evidenciam as necessidades sociais que excedem os muros escolares, por meio do caderno de bordo, levantamentos acerca de carências que explicitam a desigualdade social que permeia o cotidiano dos estudantes, foram verificados.

A instituição de ensino básico começou a atrair alunos que não tinham interesse apenas na carga horária extensa, no currículo ou nos aspectos formais que constituem a escola, a privação de serviços básicos também acarretou a chegada de muitos à instituição, na busca por preencher lacunas que não foram originadas no ambiente escolar. Por meio de relatos orais observou-se uma crescente em casos de estudantes que dispunham da entidade educacional como lugar de refúgio.

Episódios de jovens que detinham da escola como único espaço de atendimento humano seja para realizar as refeições básicas diárias, seja manifestando a possibilidade de obter paz e segurança ao adentrar ao CIEP, pois sofrem agressões físicas diariamente por seus responsáveis, opressões constantemente silenciadas. Ou seja, emergia da experiência de estágio a constatação cruel de corpos vulneráveis ecoando no espaço na procura de um lugar, no sentido humanístico do conceito geográfico de lugar , que remetesse a afeto, a pertencimento.

O aprendizado sobre os lugares e seus significados começa bem antes de irmos à escola e é influenciado diretamente pelas nossas interações sociais. Desde a infância, as experiências diárias e os relacionamentos com familiares e amigos nos ajudam a entender e dar sentido aos espaços ao nosso redor. Essas primeiras vivências moldam nossa percepção do mundo e nossa sensação de pertencimento (SANTOS, 2007, p. 5).

Freire (1970) enfatiza a importância de uma educação emancipatória que reconheça e confronte as desigualdades sociais. Os estagiários podem desempenhar um papel importante em uma educação nesta perspectiva, que seja um processo de conscientização coletiva. Ou seja, enquanto contribui possibilitando que estudantes reconheçam e questionem as estruturas opressivas em suas vidas, desnaturalizando esses processos, também é conscientizado das realidades, práticas socioespaciais diversas de estudantes, informando uma docência não alienada.

No ato de realização do Estágio Supervisionado, se permitir fazer parte do processo, não sendo apenas mais uma cadeira em sala de aula, mas um integrante ativo no ambiente, que se movimente a partir das novas dinâmicas estabelecidas. Transformar esse tempo em algo não apenas cronológico, das horas a serem cumpridas, mas um tempo produtivo possível na vivência espacial da escola.

As salas de aula na escola estagiada estão sempre superlotadas, e a presença do estagiário pode ser um caminho para desviar da perspectiva massificada da educação, possibilitar uma vivência espacial também mais singular com os sujeitos escolares, em seus marcadores etários, de raça, classe, gênero etc.

A educação muitas vezes reproduz desigualdades sociais ao valorizar o capital cultural das classes dominantes (BOURDIEU, 1970). Neste momento oportuno que o estágio pode ser, licenciandas e licenciandos têm potencial para produzirem novos modos de olhar, maneiras de atuar para reconhecer e valorizar os diferentes tipos de capital cultural trazidos pelos alunos para a escola, promovendo uma educação mais inclusiva.

Considerações finais

Espera-se com essa aproximação inicial com o tema, contribuir para as reflexões que buscam expandir os laços Escola-Universidade, considerando esse lugar privilegiado ocupado pelo (a) estagiário (a), através de suas experiências a priori organizadas em conexão com as inquietações que surgem ao acompanhar as aulas, contribuir para o reconhecimento e a luta contra as desigualdades educacionais.

A desigualdade social no Brasil é um legado do período colonial, assim como o racismo estrutural, a discriminação de gênero, e a escola como instituição da modernidade traz em suas estruturas, físicas e humanas, tais marcas. Mas compreendê-la como um espaço, na perspectiva geográfica, como produzida socialmente/culturalmente e como mediadora na formação de novos professores, pode ser uma pista para desconstruir esse modo hegemônico de habitá-la, e o efeito escalar pode atingir tantas outras espacialidades. Conhecer as histórias e as geografias dos sujeitos escolares, para que seja possível compreendê-lo dentro de suas especificidades, identidades e subjetividades é condição para essa transformação.

Se a pedagogia não for libertadora, comprometida de fato com as questões de classe e com a emancipação dos sujeitos, o único horizonte possível será a perpetuação desse sistema de exploração das pessoas e da Terra. Se o horizonte é o de transformação dessas situações, o corpo do (a) estagiário (a) de licenciatura - presente e “próximo” dos/das estudantes - nas escolas pode ser estratégico. Trazendo outras perspectivas e metodologias para a sala de aula, colaborando com os professores na elaboração de atividades que promovam o respeito à diversidade e a conscientização crítica de todos, pois ao vivenciar a prática pedagógica de forma direta, enriquece sua formação profissional e pessoal.

Rufino (2021) defende a experiência em termos amplos, como motivadora das atividades cotidianas, conhecimentos e tecnologias antigas. Esses elementos, originados de diversas formas de sentir e interagir com o mundo, moldam a maneira como o sujeito é capaz de vivenciar e se conectar com o espaço no qual está inserido. Neste sentido, vivenciando o espaço escolar como um lugar, uma pausa e não um simples percorrer, que requer atenção, tempo, conexão com as pessoas que habitam a escola, os (as) estagiários (as) se aproximam das complexidades do ambiente e podem contribuir na visibilidade de luta da escolas, com o CIEP da Baixada Fluminense, que se reinventa como lugar acolhedor e democrático para todos, com novas tessituras que rompem as amarras do colonialismo presentes histórica e geograficamente.

Referências

BOMENY, H. Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BONOMO, L. Tornando-se docente de geografia em tempos pandêmicos: Experiências e narrativas de formação a partir do Estágio Supervisionado Curricular na FEBF/UERJ. In: XV Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG), Salvador – BA. Anais eletrônicos. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vVXcYN8q0qVolWMLwYzUEFVRrojY0WE3/view>. Acesso em 27 de maio de 2024.

MACHADO, B. Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo. Revista História Oral, v. 17, n.1, p. 243-265, 2014.

ROUSSEAU, J. Emílio ou Da Educação. Editora XPTO: São Paulo, 1992.

RUFINO, L. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, D. O que é Geografia. Apostilado, 2007. Disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAffIwAD/que-geografia-douglas-santos. Acesso em: 18 abr. 2024.

TEIXEIRA, P; HENRIQUES, A. O novo conservadorismo brasileiro e a educação: Mapeando suas linhas de força. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 30(89). (2022). https://doi.org/10.14507/epaa.30.7134

DAYRELL, J.; CARRANO, P. “Juventude e Ensino Médio: quem é esse aluno que chega à escola?” DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.